De muitos, um: paixões fascistas, alterocídio e o (des)empoderamento do zé-ninguém

Aléxia Bretas[1]

Resumo: O que leva as massas a aderir ao ódio programático pelo outro, em suas múltiplas formas? Qual o apelo exercido por regimes autoritários junto ao cidadão comum? Quais condições tornam possível o florescimento de paixões fascistas no âmago mesmo de sociedades democráticas? Essas são algumas das questões irradiadoras que compõem o fio condutor deste artigo. Com base em um enquadramento oferecido por Judith Butler em seu esforço de desvendar os modos de operação de movimentos alterocidas abrigados pelo guarda-chuva antigênero, busca-se estabelecer interlocuções críticas entre Wilhelm Reich, Theodor W. Adorno, Michel Foucault e Vladimir Safatle. Disso resulta o reconhecimento do papel central desempenhado pela alienação e pelo ódio às diferenças como estratégia de combate a ansiedades e medos propositalmente projetados em indivíduos e grupos dissidentes investidos de um poder fantasmagórico de destruição.

Palavras-chave: Judith Butler; Paixões fascistas; Movimentos antigênero; Alterocídio; *Pluribus*.

OF MANY, ONE: FASCIST PASSIONS, ALTERCIDE, AND THE (DIS)EMPOWERMENT OF THE LITTLE MAN

Abstract: What leads the masses to embrace programmatic hatred of the other, in its multiple forms? What appeal do authoritarian regimes exert on the average citizen? What conditions make it possible for fascist passions to flourish even within democratic societies? These are some of the radiating questions that form the guiding thread of this article. Based on a framework offered by Judith Butler in her effort to unravel the modes of operation of alterocidal movements sheltered under the anti-gender umbrella, this article seeks to establish critical dialogues between Wilhelm Reich, Theodor W. Adorno, Michel Foucault, and Vladimir Safatle. This results in the recognition of the central role played by alienation and hatred of differences as a strategy to combat anxieties and fears purposefully projected onto dissident individuals and groups invested with a phantasmagorical power of destruction.

Keywords: Judith Butler; Fascist passions; Anti-gender movements; Alterocide; *Pluribus*

[1] Professora adjunta da Universidade Federal do ABC, onde leciona nos cursos de Filosofia e no Bacharelado em Ciências e Humanidades. Mestra e doutora em Filosofia pela USP (2010), pós-doutora em Teoria Literária pela Unicamp (2014). Realizou estágios de pesquisa na Freie Universität Berlin (2009) e na Université Paris 8 (2013). É autora dos livros *A constelação do sonho em Walter Benjamin* (Humanitas/Fapesp, 2008), *Do romance de artista à permanência da arte* (Annablume/Fapesp, 2013), *Fantasmagorias da modernidade* (Ed. Unifesp, 2017) e *Aquém do homem* (EdUFABC, 2022). Membra da Rede Nexos: Teoria Crítica e pesquisa interdisciplinar, do grupo Extimidades: Teoria Crítica desde o Sul global, e do Board of Directors da International Herbert Marcuse Society. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5447-0003. E-mail: alexia.bretas@ufabc.edu.br.

Introdução

Pluribus unum".[2] A expressão latina significa, literalmente, "de muitos, um" e foi incorporada em 1782 ao grande selo dos Estados Unidos e, portanto, à própria identidade cultural da jovem nação recém-unificada. Performativamente, ela cumpre a função de divisa e, ao mesmo tempo, programa político ao traduzir o movimento de integração das 13 colônias inglesas em uma única entidade nacional. De modo bastante significativo, a fórmula lapidar oferece o pretexto para o título da série de *streaming* *Pluribus*, lançada pela Apple TV em 2025. Seu argumento central pode ser resumido nos seguintes termos: uma inteligência superior de origem alienígena precipita, por meio de um vírus que age no sistema nervoso das pessoas, a cabal dissolução de toda e qualquer singularidade individual de pensamento, linguagem e ação em uma espécie de mente coletiva gerida por extraterrestres. De uma perspectiva filosófica, a série pode ser assistida como fabulação crítica de um estado de coisas unidimensional em que uma ordem social totalizante é estabelecida no planeta por meio da supressão heterônoma de toda diferença, negatividade e alteridade, expropriadas, de um só golpe, das ideias e formas de vida de uma humanidade sonâmbula, homogênea e planificada, inteiramente alienada de si mesma.

Ainda no contexto ficcional da série, apenas 13 pessoas em todo o mundo permanecem imunes à contaminação pelo vírus alienígena. Formam, por isso, aquilo que Theodor W. Adorno talvez pudesse chamar de constelação do "não idêntico" — um conjunto heterogêneo de "restos" recalcitrantes que resistem a serem subsumidos em um mundo totalmente administrado. Eles não dispõem de exércitos, nem articulam uma ideologia coesa de dissidência ou luta política; mesmo assim, perturbam a superinteligência exatamente por serem, até certo ponto, insubmissos, incompreensíveis e inassimiláveis. Se a crítica de Pluribus associou a representação de uma forma de governamentalidade fantasmagórica produzida por uma inteligência artificial superpoderosa, ela também faculta aproximações não menos inquietantes com o *modus operandi* unificador, alienante e alterocida dos fascismos contemporâneos — sejam eles situados no século XX ou no século XXI.

Paixões fascistas

> *Precisamos formar alianças, não apenas contra aqueles que praticam violência nas ruas, mas também contra os Estados e as instituições religiosas que tentam impedir o ensino de gênero nas escolas, acabar com a educação sexual, restringir as imagens que podemos ver em instituições artísticas e retirar das bibliotecas livros que mostram às crianças a diversidade de formas de viver e amar no mundo. Este é um movimento muito mais amplo, que faz parte de uma nova forma de autoritarismo. Todos nós estamos sujeitos às paixões*

[2] A origem da expressão é atribuída ao poema *Moretum*, do jovem Virgílio, e descreve a narrativa de um fazendeiro que se levanta pela manhã e prepara a própria refeição, cuja massa é feita de pão chato, sem fermento, sobre o qual são espalhados queijo seco, alho, azeite e ervas diversas. Em português: "Então, mói tudo com os sucos misturados // e gira a mão. Aos poucos, cada planta perde // as próprias forças, e *u'a só cor se faz de muitas* — // nem toda verde, pois se opõem as brancas partes; // nem toda branca, pois as ervas a matizam". Tradução: Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Do original em latim: "*alia, tum pariter mixto terit omnia suco. // it manus in gyrum: paulatim singula uires // deperdunt proprias, color est* e pluribus unus*, // nec totus uiridis, quia lactea frusta repugnant,// nec de lacte nitens, quia tot uariatur ab herbis*" (Virgil, 2001).

> *fascistas do ódio e da exclusão, e devemos nos unir em grandes e difíceis alianças para combater isso.* (Judith Butler, "Judith Butler on the anti-gender ideology movement")

A advertência vem da filósofa estadunidense Judith Butler, professora de Teoria Crítica na Universidade de Berkeley, pesquisadora e ativista *queer*, além de intelectual pública perseguida e atacada como criadora da "ideologia de gênero".[3] Sua fala indica a preocupação, se não com o retorno intempestivo do fascismo ou com a repaginação do termo adaptado ao século XXI, ao menos, com a recorrência de condições materiais, afetivas e psíquicas que teriam tornado possíveis acontecimentos terríveis como Auschwitz, mas também, mais recentemente, os campos de concentração para homossexuais na Chechênia e o genocídio em Gaza. Diante de questões candentes sobre como o movimento antigênero se apropria de paixões especificamente fascistas e sobre como ele se relaciona com novas formas de autoritarismo ou está inserido nelas, a autora é enfática:

> Entendo que as paixões fascistas podem assumir muitas formas, mas certamente uma delas é o desejo de privar as pessoas de seus direitos — seus direitos de cidadania, direitos de pertencimento, direitos de autodeterminação. Se temos a expulsão de migrantes sob a alegação de que não pertencem a um certo Estado-nação, se temos a privação do direito das pessoas trans de determinar seu próprio sexo, se temos a supressão do direito das mulheres à autodeterminação, incluindo a autonomia corporal, então estamos testemunhando uma série de ações de privação de direitos, nem todas eliminacionistas, mas algumas que acredito que possam muito bem ser. Na Flórida, ouvimos especialistas dizerem que as pessoas trans 'deveriam ser exterminadas da face da Terra'. Entre os evangélicos e católicos de direita no Brasil, ouvimos que o gênero é um demônio que 'deve ser expulso da terra'. (Butler, 2026)

Atenta à tendência em marcha de culpabilizar indivíduos dissidentes da norma e/ou coletividades politicamente minoritárias pelos riscos e catástrofes, presentes e futuras, a se abaterem sobre as vidas e as famílias das "pessoas comuns", Butler é incisiva:

> É claro que existem razões para as pessoas sentirem um medo fundamental em relação ao futuro e à forma como irão ganhar a vida. Todos nós temos esses medos hoje em dia. Todos nós tememos uma catástrofe ecológica, e temos muitas outras coisas que nos assustam. Será que a guerra algum dia vai acabar? Será que o neoliberalismo vai destruir todos os nossos serviços públicos e sociais? Será que algum de nós nos livraremos das dívidas ou da possibilidade de criminalização? É muito fácil e rápido dizer que são os acadêmicos que falam sobre raça ou gênero, ou que são as políticas antidiscriminatórias que proíbem a segregação com base em raça, religião, gênero ou sexualidade que estão destruindo nossa comunidade. (Butler, 2026)

[3] Para saber mais sobre a origem e os desdobramentos do sintagma, ver Santos (2025).

Insuflados por um certo *páthos* "purificador" contra a disseminação de um vírus alegadamente tão letal quanto o do ebola ou da covid-19, grupos antidemocráticos, nacionais e internacionais, dispostos a "fazer a América grande outra vez" (MAGA) ou a promover a distopia de um "Brasil acima de tudo", podem, sim, ser considerados autoritários ou mesmo inflamados por paixões fascistas. Isso porque se alimentam de um certo mito fundador construído por discursos de ódio, perseguição, violência e extermínio de indivíduos e coletividades "outrificadas" — ou seja, reconhecidas e representadas apenas na condição de outro subalterno — historicamente mais afetados pela indução programática de sua condição precária. Ora, mas afinal qual é a relação entre a emergência das chamadas paixões fascistas e o fortalecimento de políticas autoritárias e alterocidas em todo o mundo? Autores como Wilhelm Reich, Theodor W. Adorno, Michel Foucault, Vladimir Safatle e, claro, Judith Butler, nos ajudam a descobrir e a desfazer os laços que irmanam personalidades históricas como Benito Mussolini e Adolf Hitler, mas também versões contemporâneas como Donald Trump e os Bolsonaros, por exemplo.

Integração negativa

Para combater os efeitos — tanto psíquicos, quanto sociais — desencadeados pelas paixões fascistas, é necessário, antes de tudo, entender o que o fascismo não é. Ele não é um simples partido entre outros; não é uma ideologia vinculada a certa nacionalidade ou grupo social; não é nem mesmo uma ideia política. Wilhelm Reich foi um dos pioneiros a compreender o cerne da mentalidade fascista como profundamente enraizada na *psique* do homem comum. Em *Psicologia de massas do fascismo*, publicado na Dinamarca, em setembro de 1933, Reich afirma sem rodeios: "As minhas experiências em análise do caráter convenceram-me de que não existe um único indivíduo que não seja portador, na sua estrutura, de elementos do pensamento e do sentimento fascistas. O fascismo como movimento político distingue-se de outros partidos reacionários pelo fato de *ser sustentado e defendido por massas humanas*" (Reich, 2001, p. XVIII).

Ciente do fato, o autor se vale de uma longa prática terapêutica para desvendar alguns de seus aspectos principais, radicados no interior mesmo do caráter humano. À luz de sua *Análise do caráter*, Reich distingue três níveis ou camadas diferentes que compõem a estrutura biopsíquica do indivíduo, atuando como repositórios para seu desenvolvimento social. O primeiro deles seria o nível superficial da personalidade, em que o homem médio se apresenta como comedido, atencioso, compassivo e responsável; o terceiro nível seria o cerne biológico profundo, no qual, sob condições favoráveis, o indivíduo é racional, honesto, trabalhador e amoroso; entre um e outro, no entanto, interpõe-se a mediação do segundo nível, constituído por pulsões cruéis, sádicas, lascivas, sanguinárias e invejosas que compõem o inconsciente freudiano a partir dos "impulsos secundários", isto é, conteúdos reprimidos pelo próprio funcionamento da economia sexual. "É esta infeliz estruturação que é responsável pelo fato de que qualquer impulso natural, social ou libidinal, proveniente do cerne biológico,

seja forçado a atravessar o nível das pulsões secundárias perversas, que o distorcem, sempre que pretenda passar à ação. Esta distorção transforma a natureza originalmente social dos impulsos naturais em perversidade e, deste modo, leva à inibição de todas as manifestações autênticas de vida" (Reich, 2001, p. XVI).

Ao transportar a estrutura psíquica dos indivíduos para a esfera social e política, Reich identifica certa correspondência entre cada um dos níveis estruturais da psique e sua contraparte em agrupamentos ideológicos da sociedade. Nesse sentido, o fascismo não seria representado, em sua essência, nem pelo nível superficial nem pelo nível mais profundo, mas, sim, pela camada intermediária dos impulsos secundários. Movido por paixões sádicas e ressentidas, ele ganha corpo e voz como expressão politicamente organizada da estrutura de caráter do homem médio oprimido pela civilização autoritária da máquina e sua maneira de encarar a vida. Disso resulta que a conduta fascista não é característica apenas de determinados países ou povos, como os alemães, os italianos ou os japoneses, mas tão somente uma espécie de somatório de todas as reações irracionais do indivíduo comum, orgasticamente impotente. "A mentalidade fascista é a mentalidade de zé-ninguém, que é subjugado, sedento de autoridade e, ao mesmo tempo, revoltado" (Reich, 2001, p. XIX). Sua revolta é originada pelo medo da verdade, que distorce uma emoção potencialmente revolucionária até se transformar em ilusão e fantasmagoria.

Portanto, sob a forma das paixões fascistas, a civilização autoritária colhe do zé-ninguém reprimido nada mais do que foi semeado nas massas subjugadas por séculos de misticismo, militarismo e automatismo. Daí o autor reconhecer serem inoperantes todas e quaisquer formas de luta antifascista que não sejam travadas dentro dos próprios indivíduos ou no interior das instituições sociais que o geram diariamente. "De tudo isto se conclui que é tão impossível superar a peste fascista com as medidas sociais adotadas nos últimos trezentos anos como enfiar um elefante numa toca de raposa" (Reich, 2001, p. XXXII).

Apesar de os aspectos psicológicos desempenharem um papel determinante na configuração da mentalidade fascista, eles não operam isoladamente. Aliás, essa é a perspectiva trazida por Theodor W. Adorno em seus estudos sobre psicologia social e psicanálise. Com base em uma leitura crítica de *Psicologia das multidões*, de Gustave Le Bon, e *Psicologia de grupo e análise do eu*, de Sigmund Freud, o filósofo postula em *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista*, de 1951: "Disposições psicológicas, na verdade, não causam o fascismo; em vez disso, o fascismo define uma área psicológica que pode ser explorada de forma bem-sucedida pelas forças que o promovem por razões de interesse próprio completamente não psicológicas" (Adorno, 2015, p. 286). Contra interpretações ingênuas que atribuem o comportamento das multidões à simples "irracionalidade natural das massas", a argumentação adorniana chama atenção para outra faceta do processo pelo qual uma parte da herança arcaica do sujeito é despertada: a administração estritamente racional do que se refere como "hipnose socializada" gerida por técnicas calculadas de manipulação mediadas por discursos homogeneizantes inflamados por paixões fascistas.

Tais paixões vêm à tona como sintoma de um novo sofrimento psíquico gerado em uma era que, "por razões socioeconômicas, testemunha o declínio do indivíduo e seu

consequente enfraquecimento" (Adorno, 2015, p. 157). Por meio da identificação com o líder, o indivíduo fragilizado obtém um ganho narcísico fomentado por um duplo desejo de caráter sadomasoquista: submeter-se à autoridade e ser ele mesmo tal autoridade. Para isso, a figura do líder é construída de acordo com o ideal do "pequeno grande homem" ou, como Adorno se refere a Hitler, uma mescla ambivalente de King Kong e barbeiro suburbano. "O líder pode adivinhar as demandas e necessidades psicológicas daqueles suscetíveis à sua propaganda, porque os reflete psicologicamente e deles se distingue por uma capacidade de exprimir, sem inibições, o que é latente neles, e não por qualquer superioridade intrínseca" (Adorno, 2015, p. 181).

Para lidar com tais ambiguidades internas sem comprometer o *páthos* de unidade que dá liga e fortalece a coesão entre os adeptos do grupo, a estratégia adotada por fascistas envolve a fundação de uma dicotomia bastante rígida entre o *in-group* amado e o *out-group* rejeitado. O recurso a tal dispositivo se revela fundamental para canalizar a pulsão destrutiva dos indivíduos para elementos extrínsecos à mesma facção. Desse modo, apenas por pertencer ao *in-group*, o seguidor acredita ser melhor, superior e mais puro do que os "outros" excluídos e rechaçados por aquilo a que Adorno se refere como "integração negativa". O resultado mais imediato dessa operação tática é a concentração e o desvio dos impulsos hostis para o *out-group*, com a consequente eliminação da intolerância e da autoconsciência crítica dirigidas aos próprios pares. Assim, mediante um certo "truque de identidade" concebido para favorecer a percepção de diferença em relação aos ejetados para o lado de fora, o filósofo frankfurtiano alude tanto ao "igualitarismo repressivo" quanto à "humilhação geral" aos estranhos e/ou diferentes como componentes utilizados massivamente pela propaganda de orientação fascista.

Mas do ponto de vista psíquico, quais seriam as chances de alguém aderir aos clamores pela formação de tais "hordas fraternas" às custas da inferiorização e da desumanização de alteridades subalternizadas? Adorno, por sinal, já havia se lançado à pesquisa empírica que buscou justamente rastrear as características de índole e caráter que sinalizariam uma maior ou menor propensão de um dado indivíduo vir a introjetar discursos fascistas. Em seus *Estudos sobre a personalidade autoritária*, o teórico-crítico se daria, inclusive, ao trabalho de elaborar o que designou por "Escala F" — uma espécie de régua ou medidor criado para aferir disposições fascistas latentes em pessoas que, não necessariamente, se identificam com esta orientação político-partidária.

Entre os nove atributos elencados por essa lista estão: a) convencionalismo, com grande aderência a valores naturalizados como "normais" ou "de classe média"; b) submissão autoritária, com postura subalterna, acrítica e "fechada" com figuras e narrativas idealizadas pelo *ingroup*; c) agressão autoritária, com inclinação a vigiar e punir potenciais violadores(as) dos valores e costumes convencionais; d) anti-intracepção, com a rejeição a tudo o que é subjetivo, compassivo e negativo; e) superstição e estereotipia, com uso abundante de fórmulas prontas, bordões e clichês; além da propensão a seguir crenças carregadas de forte sentido místico, espiritual e/ou religioso; f) poder e dureza como virtudes valorizadas e constantemente (re)iteradas à luz de intensa remissão aos binômios forte-fraco; dominação-submissão; líder-seguidor,

e assim por diante; g) cinismo e destrutividade, com desdém e hostilidade generalizados como signo de um profundo desprezo pelo humano e seus direitos; h) projetividade, com tendência a acreditar que coisas absurdas e tresloucadas ocorrem de fato, com base em notícias falsas e pseudoteorias de teor "conspiratório"; i) sexo, como fixação exagerada por tais "eventos".

Além da obsessão por sexo, dentro e fora da norma, outro elemento crucial para o entendimento do vínculo que explica a entrega dos indivíduos aos comandos de um líder poderoso e viril é a natureza irredutivelmente libidinal de sua relação com as massas. "Hitler, aliás, estava bem consciente da fonte libidinal da formação de massa por rendição quando atribuiu características especificamente femininas, passivas, aos participantes de seus encontros, e assim também apontou para o papel da homossexualidade inconsciente na psicologia de massa" (Adorno, 2015, p. 160). Reportando-se a indicações freudianas, Adorno aponta que o amor pelas mulheres tende a romper os elos grupais de raça, classe e nação, sendo, nesse caso, muito mais compatível o amor homossexual, com o estabelecimento de uma fronteira bastante fluida entre homossexualidade aberta e recalcada.

Como não levar uma vida fascista

Não por acaso, Michel Foucault se volta para os perigos desencadeados por uma identificação amorosa e narcísica com o líder, buscando contribuir para o combate a paixões e tendências fascistas persistentes mesmo em sociedades democráticas, já na segunda metade do século XX. Com esse intuito, no "Prefácio" da edição norte-americana de *Anti-Édipo*, de Deleuze e Gattari, Foucault alude a uma certa arte de viver uma vida não fascista. Por meio do enfrentamento estratégico de três de seus principais adversários, o filósofo acredita confrontar, de uma só vez, os "ascetas políticos", também chamados de "burocratas da revolução"; os "técnicos do desejo", como são designados os psicanalistas e os semiólogos; e o maior deles, o fascismo. Esse último se refere não apenas a figuras históricas como Hitler e Mussolini, mas, sobretudo, ao "fascismo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa mesma que nos domina e nos explora" (Foucault, 1983, p. xiii).

Ciente de sua infiltração virulenta por entre as dobras do corpo e os desvãos da alma (*psique*), ele indaga: "como desembaraçar nossos discursos e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo?" (Foucault, 1983, p. xiii). Contra suas mais diversas formas de manifestação, já estabelecidas ou em vias de ser, o intelectual francês se permite, inclusive, ensaiar alguns princípios para erradicar seus prenúncios na vida cotidiana. Três deles merecem destaque: "Libere a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante"; "Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, antes que por submissão e hierarquização piramidal"; e finalmente, mas não menos importante: "não se apaixone pelo poder" (Foucault, 1983, p. xiv).

Leitor crítico de Adorno e Foucault, Vladimir Safatle irá se empenhar em dissuadir hipóteses parciais e/ou equivocadas que tentam compreender as manifestações contemporâneas do fascismo exclusivamente pela chave da regressão arcaica acionada pelo desejo de reconstrução de vínculos orgânicos perdidos com o advento de uma modernização globalizada, cosmopolita e alienante. Ao contrário, o filósofo percebe o fascismo como expressão de potencialidades, contradições e violências produzidas pela própria marcha do progresso. Nesse sentido, pode-se dizer que o ímpeto destruidor de ruptura total com a ordem estabelecida acaba por promover uma certa sensação de liberdade, não raro, induzida por uma espécie de carnavalização da revolta contra constrangimentos econômicos, sociais e até morais.

> Mas essa liberdade se transforma em liberação de violência por aqueles que já não aguentam mais ser violentados. O carnaval não é a reversão da ordem, mas a conjugação entre a ordem e a desordem. É a desordem com a fantasia da ordem. É o governo forte que permite esfolar refugiado, atirar em comunista, falar para uma mulher 'eu só não te estupro porque você não merece', brutalizar toda e qualquer relação social. Esse vai ser sempre um dos piores efeitos de um governo fascista: criar uma sociedade à sua imagem e semelhança. Como lembra Freud, não são exatamente os povos que criam seus governos, mas os governos que criam seus povos. (Safatle, 2018)

Atento ao fenômeno de "degradação terrorista" pelo qual um desejo coletivo de libertação se converte na mais brutal das servidões, o autor destaca o paradoxo de seus adeptos se insurgirem contra autoridades e instituições constituídas, ansiando, ao mesmo tempo, pela mão forte de um líder ambivalente, tão despótico quanto bufo.

> Expressa uma liderança que parece estar acima da lei, que parece poder falar o que quiser sem culpa, expor os seus piores sentimentos sem preocupação alguma com os efeitos, demonstrar desejos mais baixos de violência como expressão de maior liberdade conquistada. Por isso é necessário que esses líderes sejam cômicos, uma mistura de militar e palhaço de circo. Porque só assim, através dessa ironização, essas proposições podem circular com baixa fricção. Afinal, não é para levar a sério tudo o que eles dizem. Mas quem sabe o que se deve levar, então, exatamente a sério? O que é real e o que é apenas uma bravata? Ninguém sabe a não ser eles mesmos. Isso se chama misturar ordem e desordem, lei e anomia. Isso é fascismo. (Safatle, 2018)

Por fim, Safatle destaca quatro de seus aspectos principais. Segundo ele, o fascismo se caracteriza pelo culto à violência; pela ressurreição de um Estado-nação paranoico; pela deposição da força popular em prol de uma liderança fora da lei; e pela absoluta insensibilidade em relação à condição precária de grupos vulneráveis historicamente marcados pelas opressões entrelaçadas de gênero, raça e classe.

De um, muitos

O último item, por sinal, explica a relação indelével entre a efervescência de afetos extremos e o recrudescimento de discursos fóbicos contra coletividades situadas "aquém do homem" (Bretas, 2022, p. 15) como aquela representada por pessoas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, logo na "Introdução" de *Quem tem medo do gênero?,* Judith Butler desvenda a lógica dos movimentos caracterizados como "familistas" e/ou "antigênero" a partir da relação nefasta estabelecida entre discursos misóginos, racistas e capacitistas, a escalada de governos autoritários e o incentivo a coalizões formadas pela força do ódio às diferenças.

> Como um projeto que bloqueia o tipo de pensamento crítico que contesta o *status quo* heteronormativo, o movimento antigênero é uma forma politicamente importante do anti-intelectualismo, que combate o pensamento como um perigo para a sociedade — solo fértil para a horrenda colaboração entre paixões fascistas e regimes autoritários. (Butler, 2024, p. 28)

Como a caça às bruxas e o desejo de destruição dirigidos contra a pessoa da própria filósofa confirmam, o combate a ideias críticas, a desvalorização do conhecimento produzido nas universidades e a redução ou mesmo a falta de incentivo à educação emancipatória andam de par com a ascensão do pensamento único e com a tentativa de subsumir supostos focos de sublevação — reais ou imaginários — em um mesmo todo invulnerável depurado de nuances, dissensos ou contradições internas. Esse bloco monolítico e refratário a elementos estranhos se organiza justamente a partir da eliminação sistemática de todos e quaisquer vestígios de alteridade no interior do grande corpo social, conforme o argumento da série *Pluribus* tão dramaticamente alegoriza.

Além de indicar razões pelas quais artistas, intelectuais e grupos contra-hegemônicos têm sido alvo prioritário de ações conjuntas de neutralização, censura e cancelamento programáticos, Butler chama atenção para o caráter fantasmagórico de estratégias de fabricação de "unanimidades burras"[4] alimentadas por ansiedades e medos de destruição iminente — sobre os quais se apoiam os imperativos sensacionalistas de dissolução da pluralidade em um único todo homogêneo.

> O deslocamento desse medo de destruição de suas condições de produção identificáveis — desastre climático, racismo epistêmico, capitalismo, poderes carcerários, extrativismo, formas sociais e estatais patriarcais — resulta na produção de figuras ou fantasmas 'culturais' investidos do poder para destruir a Terra e as estruturas fundamentais das sociedades humanas. (Butler, 2024, p. 257)

Na ficção, assim como na vida real, os teores identificados como estranhos, divergentes do padrão e ameaçadores da ordem são projetados para fora do grupo de

[4] A relação entre unanimidade e "burrice" foi proposta por Nelson Rodrigues ao afirmar: "Toda unanimidade é burra. Quem pensa com a unanimidade não precisa pensar" (Rodrigues, 1997, p. 171).

pertença, seja em inimigos imaginários, seja em entidades excluídas ou alienadas do mundo da normalidade humana — que, em *Pluribus*, assumem a forma máxima de estranhamento, isto é, aquela que emana de uma superpoderosa e potencialmente destruidora inteligência alienígena.

Apesar de reconhecer a centralidade das paixões fascistas nessa dinâmica de apagamento de alteridades disruptivas, a autora de *Quem tem medo do gênero?* distingue explicitamente o fascismo histórico dos diversos autoritarismos contemporâneos.

> Parece claro que as paixões ou tendências políticas fascistas são aquelas que procuram despojar as pessoas dos direitos básicos necessários para que vivam, e que fazem isso sem levar em consideração a provável morte dessas pessoas — seja porque o fascismo é um modo eficaz de aniquilar essas vidas, seja porque estabelece que elas são dispensáveis. Em contrapartida, o autoritarismo é geralmente entendido como uma forma de poder estatal, porém, autocratas emergem de dentro dos regimes democráticos, sendo eleitos exatamente por alimentarem paixões fascistas, aumentando o medo da destruição do clima, do ambiente, dos sindicatos e das perspectivas de segurança financeira. (Butler, 2024, p. 258)

Segundo a filósofa, é preciso reagir à combinação tóxica de repúdio às diferenças, desejo por um soberano onipotente e formação de comunidades alterocidas por meio da articulação de alianças abrangentes — quase sempre difíceis e incômodas. Somente assim seria possível quebrar o círculo vicioso de amor a "um" e ódio a "muitos" que nutre e potencializa o fascismo cotidiano entranhado mesmo em sociedades democráticas. Nelas, o medo transformado em ódio se torna o principal combustível psicossocial a exaltar os ânimos, justificando pautas ultraconservadoras contra a equidade de gênero, a justiça erótica e o pensamento crítico a serviço de uma vida vivível para todos os seres viventes da Terra — e até fora dela, por impossível que seja.

Referências bibliográficas

Adorno, T. W. (2015). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. Editora Unesp.

Adorno, T. W. (2025) *Estudos sobre a personalidade autoritária.* Editora Unesp.

Bretas, A. (2022). *Aquém do homem: Ensaios críticos em perspectiva interseccional*. Editora UFABC.

Butler, J. (2024). *Quem tem medo do gênero?* Boitempo.

Butler, J. (2026). Judith Butler on the anti-gender ideology movement, current theories of gender, and their ideas of radical democracy. *Review of Democracy.* https://revdem.ceu.edu/2024/05/13/judith-butler/.

Foucault, M. (1983). Preface. In G. Deleuze & F. Guattari, *Anti-Oedipus: Capitalism and schizophrenia*. University of Minnesota Press.

Santos, L. L. (2025). *Guerras pornopolíticas: A crítica à ideologia de gênero como expressão de conflitos em torno dos direitos sexuais e reprodutivos*. Edição da autora.

Safatle, V. (2018, 22 outubro). O que é fascismo? *Revista Cult*. https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-fascismo/.

Reich, W. (2001). *Psicologia de massas do fascismo*. Martins Fontes.

Reich, W. (2020). *Análise do caráter*. Martins Fontes.

Rodrigues, N. (1997). *Flor de obsessão*. Companhia das Letras.

Tiburi, M. (2018). *Como conversar com um fascista.* Record, 2018.

Virgil. (2001). *Aeneid: Books 7–12; Appendix Vergiliana, vol. 2* (H. R. Fairclough, Trad.; G. P. Goold, Rev.). Harvard University Press. https://escamandro.wordpress.com/2013/08/22/o-moretum-pseudo-virgil.

DOI desta publicação: https://doi.org/10.34024/zze13s54.